

UMA LITERATURA NAS TROMPAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS ACERCA DE ESCRITAS NEGRO- FEMININAS FAVELADAS

Raphael Ribeiro da Silva

(PUC-Rio – Mestrado)

INFORMAÇÕES SOBRE O AUTOR
Raphael Ribeiro da Silva é Mestrando pela PUC Rio e Educador Popular, ministrando aulas de Práticas de Leitura e Escrita, Literatura Brasileira e Letramentos. Entre seus interesses estão os campos da Letras e da Comunicação (Estudos Culturais). E-mail: ph.ribeirodi@gmail.com.

RESUMO	ABSTRACT
Este ensaio, se propõe, ao seu modo e sua maneira afetiva e biográfica estruturante, contribuir para toda a comunidade acadêmica que ainda se pega na dificuldade de transitar entre os conceitos que a academia nos fornece, a estrutura de sentimentos que carregamos das nossas vivências e nossas subjetividades dissidentes. O caminho percorrido por este ensaio parte de um corpo feminino, onde é acionado como operador teórico as <i>trompas de falópio</i> para pensar a gestação de certas instâncias políticas que não vingam em face da geopolítica científica-metodológica-tradicional que estrutura as pesquisas acadêmicas. O que se espera ao fim deste ensaio é que as questões que aqui se circunscrevem possam contribuir para uma intervenção crítica, tendo em vistas as problemáticas que circunscrevem as pesquisas acadêmicas, com uma contribuição especial aquelas que partem de um interesse acerca da temática favelada.	This essay proposes with its structural, affective and biographical way, to contribute to the entire academic community that still finds itself with the difficulty of understanding some concepts that the Academy gives us, the structure of feelings that we carry from our experiences and our dissident subjectivities. The path taken by this essay is based on a female body, where the fallopian tubes are used as the theoretical operator to think the gestation of certain political instances that do not avenge in the face of the scientific-methodological-traditional geopolitics that structures the academic research. What is expected at the end of this essay is that the questions that are circumscribed can contribute to a critical intervention, considering the problems that circumscribe academic research, with a special contribution those that depart from an interest about the favela.

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Favela; Cultura; Geopolítica do conhecimento.	Favela; Geopolitics of knowledge

LAROIÊ: ABRINDO OS CAMINHOS

*“O meu lugar é caminho de Ogum e Iansã
Lá tem samba até de manhã
Uma ginga em cada andar
O meu lugar
É cercado de luta e suor
Esperança num mundo melhor
E cerveja pra comemorar
O meu lugar
Tem seus mitos e seres de luz
É bem perto de Osvaldo Cruz
Cascadura, Vaz Lobo e Irajá”*

(O meu lugar, música por Arlindo Cruz)

Para início de conversa (sim, este ensaio é, antes de tudo, uma conversa) gostaria de fazer algumas marcações basilares que são imprescindíveis em tempos nos quais os limites entre os lugares de fala e os discursos dos corpos são agressivamente desrespeitados, invadidos, agredidos e silenciados. Peço licença a todos os santos de minha casa que me protegem, que me conduzem e me guiam, para todos os orixás que abrem os caminhos para que eu possa com minha voz, com meu corpo em luta, para que com meu pensar banhado numa sede em seus saberes, eu possa assim iniciar os trabalhos do pensar nesse mundo outro.

Considero importante demarcar que este texto se deu num momento tão decisivo da história cultural e política do Brasil - outubro de 2018, em pleno auge do segundo das eleições presidenciais que presenciamos - em que corpos LGBTQs e todas as minorias precisam se unir numa “rede de afetividade” e troca mútua de estratégias de escape e sobrevivência quando a luta só se aflora e dói. Neste momento, pensar e se tocar pelo pensar se faz necessário e é afago.

Demarco que falo de um lugar de um corpo branco que cresceu com privilégios de cor, mas com fortes questões referentes ao território, que me é constantemente lembrado quando estou no território epistêmico da academia-intelectualizante-sudestecêntrica que não é o meu. O que falo e o motivo do que falo vem da favela do Cesarão, em Santa Cruz, do Morro do Barata em Realengo, da Vila Kennedy, do Ponto Chic de Bangu, ecoo as partituras malandras de um povo heróicos dos trens pra Japeri, das vozes insurgentes que ecoam das salas da Educação Popular nos porões de um ginásio da PUC Rio, e das águas que tiram tudo, menos os sonhos dos moradores da Rocinha. Eu falo com eles e por eles, o nosso papo é reto, é a nossa vez e a voz é só nossa.

Salve, Salve nossas favelas e nossos saberes. Laroíê Exu!

No processo político que a pesquisa acadêmica nos coloca, sobretudo ao pesquisar o sujeito da pesquisa que lhe inclui, acabo por me encontrar pensando em situações que mais uma vez me doem, me tocam profundamente, e que me incomodam, tomam o meu corpo de maneira que me exige uma postura ética, e faz desta uma pesquisa-intervenção. Este tipo de pesquisa – gostaria de evidenciar – se dá sob uma égide que envolve de maneira tal que talvez não se consiga a exigida dissociação monumental da academia.

As posturas que pesquisas afetivas nos exigem não se tratam apenas de um ato de desobediência epistêmica, mas de uma contribuição importante no cerne do que convencionei chamar de “metodologia expandida”. Ou seja, essas posturas não são meras subversões a um postulado modelo tradicional-colonizador da academia, mas um modo outro necessário e possível para a feitura de trabalhos em que sujeitos da pesquisa se afetam mutuamente, e a partir de tal afetação, produz uma reflexão. O “caminho metodológico” dessas pesquisas é caminho de um corpo atravessado, ferido, contaminado, em atrito constante.

Por fim, é preciso reiterar que pesquisas exigem uma peneira reflexiva no mar de afetividades. Digo isto no sentido de combater as posturas minimizantes que ainda fazem das pesquisas que pensam o/com corpo (e seu imbricamento político, pois não tenho como não pensar corpos sem pensar a política dos corpos) algo vulnerável ao ponto de serem as vítimas de um sistema da colonialidade que pratica o “estupro da vida e da epistemologia”, que pela primeira vez meu corpo branco se depara.

Corpos outros são diariamente estuprados com fascismos diversos e é preciso dizer que nada do que falo nesse meu imbricamento corpo/política, nesse viés explicitado, é novidade. Muito de nossos corpos se construíram tendo como base o estupro de negras escravas e muito de nossos privilégios se alimentam cotidianamente pelo silenciamento e pelo estupro epistêmico de corpos como da juventude negra. A tranquilidade branca dita hegemônica de livre saber e livre viver se alimenta daqueles corpos exaustos cansados de pedir e de passar fome que dorme ao fundo de nossas vistas.

Nesse sentido, é preciso recolher dos sistemas hegemônicos que amamentam os nossos privilégios, todas as linhas de fuga para desmontar a estrutura no qual ainda estamos submetidos, seja politicamente, moralmente, epistemicamente, sexualmente ou muitas outras lógicas de dominação e cerceamentos dos nossos corpos pensantes. A experiência narrada neste ensaio, cresce desta estrutura afetiva inquietante da favela e tenta, de algum modo, trazer à tona reflexões que desestabilizem alguns lugares prontos e o florescimento de insurgências produtivas no campo da intelectualidade.

A reflexão que está no bojo deste ensaio-conversa é de certa forma, uma insurgência produtiva realizada dentro deste campo político que são os Programas de

Pós-Graduação, que nos permitem, ainda hoje, produzir conhecimentos a partir de nossas bases afetivas. Portanto, essa prosa-resmungo é uma elaboração acerca da ideia de uma literatura que se forja no plano da criação estética e epistêmica de mulheres negras, que a partir das quais se delineiam espaços performativos de afirmação desta identidade, no interior do espaço afetivo da favela.

1 EXERCÍCIOS DE LEITURA AFETIVA NO INTERIOR DA CRÍTICA

Parto da escrita de minha pesquisa em desenvolvimento no âmbito do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio), sob orientação de Eneida Leal Cunha, e busco assim, refletir algumas questões que circunscrevem as pesquisas acadêmicas, com uma contribuição especial aquelas que partem de um interesse acerca de uma temática que perpassa/parte de uma afirmação identitária de si, que de alguma maneira percorre(u) favela. No caso de minha pesquisa, por exemplo, faz-se imprescindível que possamos falar de favela e dos sujeitos que a partir dela/nela narram, como “sujeito da pesquisa”, em vez de “objeto”.

Quando me perguntam acerca do corpus, respondo pensando nos corpos que circulam pela minha pesquisa, e que sem a existência destes, inviabiliza toda sua feitura. Por fim, outro incômodo estruturante do fazimento de minhas reflexões está no tão falado “recorte metodológico” que assola as pesquisas que de alguma forma performam um panorama afetivo: como cortar corpos de um processo? Existe a possibilidade de fazer vista grossa aos corpos que tombam ao seu redor? Mais uma vez vou compactuar com o silenciamento dos corpos-saberes favelados?

Por isso, caminho a partir de um corpo feminino, aciono como operador teórico as trompas de falópio para pensar a gestação de certas instâncias políticas que não vingam. Convido para a centralidade desta explanação os corpos femininos, de cor e suas ancestralidades, de suas visceralidades, de suas feminilidades discursivas geradas e geridas numa *favelidade*: entre Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, e a escritora negra contemporânea Joremir de Assis Ferreira (que, por sua vez, é minha avó de criação) e minhas mães: Eliana, que me gerou no seio do amor da família tradicional brasileira e minha mãe Maria de Lourdes que me gerou no ventre paraibano e me pariu de parto normal em julho de 94, cedendo-me espaço em seu corpo para que eu pudesse, ao ser expelido, finalmente soltar-me de seu acalento interno e que aqui pudesse viver. Evoco aqui algumas situações, pois assim, considero palpável a palavração de um espaço da cidade que se mescla ao espaço de meu corpo, gestado por corpos-saberes de minhas iabás.

A partir da compreensão de um espaço subalternizado que se evidencia na escrita de Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, que narram, aos seus respectivos modos, a identidade negro-feminina de mulher brasileira a partir de suas circulações (também particulares e com especificidades biográficas) na e a partir da favela, assim como nos manuscritos (ainda inéditos) da escritora contemporânea Joremir de Assis Ferreira (que é também, minha avó). Nesse sentido, o exercício crítico passa por uma estreita figuração afetiva que me leva ao colo de minha avó, no interior da favela do Cesarão em Santa Cruz, onde nasci. Me leva também aos pique-pegas das ruas de Realengo, onde me criei. Me leva para o interior da Rocinha, onde gerei esta pesquisa durante muito tempo. Portanto, pensar o nascimento de algo, seja uma vida vivida ou uma vida escrevida no papel, que por sua vez, se forja nas trompas, é pensar a maternidade favelada das realidades vigentes no Brasil contemporâneo.

Deste modo, pude desenvolver a ideia de *literatura nas trompas*. Esta, por sua vez, parte da perspectiva da experiência de uma gestação ectópica ou tubária, como é comumente chamado quando uma gestação ocorre em uma das trompas de falópio, um tubo que conduz os óvulos. Em alguns casos, no entanto, uma gravidez ectópica ocorre na cavidade abdominal, do ovário ou no colo do útero. Na sua dimensão biológica, uma gravidez ectópica não pode prosseguir normalmente, mas o enfoque que me apropriou na minha pesquisa se dá na dimensão da possibilidade de um parimento doloroso destas escritas que encenam o vivível.

Este, expressa uma *favelidade*, ou seja, alguns códigos culturais que desenham uma identidade favelada que é observável não apenas na favela dos outros, como na minha. Ao falar em *favelidade*, quero dizer de um código cultural e epistemológico que parte da experiência da encruzilhada de referências de um corpo vívido/vivido da favela. Nesse sentido, assim como o pesquisador Ary Pimentel, compreendo o funcionamento das favelas como “comunidades de sentimentos”, no qual são agenciadas identidades e sistemas ideológicos, culturais e políticos que estruturam uma vivência comum, que qualquer outro favelado saberá, ao seu modo, ler e compreender.

O desenvolvimento destas noções estruturantes foram o caminho que encontrei para tentar dar conta das leituras das escritas em questão, e observável também no esforço empenhado por estas vozes-mulheres-negras-faveladas de tornarem possíveis os *múltiplos nascimentos*¹ cotidianamente, mesmo em meio a uma impossibilidade

¹ Na ocasião da missão de estudos do projeto PROCAD no Grupo de Pesquisa Contemporâneos da UNEB, ao ouvir minha hipótese inicial de impossibilidade de nascimento, a pesquisadora Ilmara Valois me apontou tal perspectiva a partir de Stuart Hall e sua ideia enfocava o advento das discussões sobre diferença, pois os espaços conquistados são, como ele diz, regulados, subfinanciados. Partindo da premissa de que as conquistas são difíceis, muitas vezes, lentas e exigem manobras para o jogo desigual e articulando com minha leitura de tal questão, ela propôs a ideia de que não há exatamente abortos ou não nascimentos, mas múltiplos nascimentos. Para Ilmara, se a obra ou a escritora nascem em ambientes privilegiados, suas existências e nomes geralmente são aclamados com mais facilidade e podem nascer definitivamente, podem estrelar uma vez e permanecer, podem respirar sem sustos depois do primeiro grito. Para

imposta pela necropolítica. Portanto, na concepção tida como premissa nesta pesquisa, compreende-se não só o nascimento, mas o esforço de fazer nascer que diariamente os corpos negros se defrontam ante a expectativa (dos coloniza-dores²) do que já nasceria morto. Assim, ao me empenhar em observar na literatura destas mulheres negras suas identidades e realidades engendradas a partir dos processos experienciados por elas em atrito com o meu corpo branco, gay, favelado em um território novo para mim, me deparei com uma complexa rede de possibilidades e enquadramentos políticos que a pesquisa poderia escoar seus rios de significados.

Conforme já explicitarei acima eu nasci na favela do Cesarão, em Santa Cruz, zona oeste do Rio de Janeiro, acolhido por uma família de criação que já tinha acolhido minha mãe, desde os tempos que ela vinha do interior da Paraíba em busca de sonhos. Essa família afetiva me criou desde que sou uma criança bem pequena, com carências afetivas, que estão ligadas às problemáticas sócio-políticas do nosso país. O cuidado materno um tanto conturbado e negado por parte de quem me colocou no mundo tornou-se uma questão central e por isso a temática central da pesquisa se ancora na metáfora da maternidade.

É importante justificar que esta escolha se deu pelo fato desse tema mexer muito comigo. Eu não tenho uma mãe só, eu tenho três e uma irmã que é mãe também para mim, assim como é para os dela paridos. Eu fui gerado num ventre paraibano, acalentado por uma negra carioca e administrado (em todos os sentidos) por sua filha branca. Todas elas me cercam, me permeiam, me rasgam por dentro de amor. Eu fui parido várias vezes, na verdade acho que até hoje eu continuo nascendo delas, todos os dias. E a partir deste meu múltiplo nascimento que penso a favela também como o cuidado de minha avó, e na chave da já explicitada “comunidade de sentimentos”, buscar conjugar essas vozes-mulheres-faveladas com as minhas possíveis leituras num contágio.

Apesar de uma formação familiar com diversos acessos, que sem os quais não estaria aqui assinando este artigo, a minha família afetiva também me proporcionou

autores (as) menos privilegiados (as), que estão fora da esfera “destinada” ao nobre ofício das letras e da escrita, um nascimento apenas pode ser insuficiente, há que se nascer muitas vezes, a cada dia; há que exercitar a teimosia de estar vivo, de estar presente, de se fazer notar. A obra, essa precisa, depois de lançada ao mundo, ser relançada, talvez, muitas vezes, ser levada em baixo do braço, nas malas de viagens, quiçá, ser descoberta por uma generosa voz autorizada, para, assim, poder circular com o devido reconhecimento. Penso, portanto, os sucessivos nascimentos como uma forma de marcar as sucessivas lutas, rejeições e insistências para fazer da obra o que ela já é por excelência: literatura. É claro que a ideia de nascimentos vários, carrega em si a ideia das muitas mortes que o objeto ou a pessoa precisa enfrentar, mas não são mortes definitivas, são aqui momentos de apagamento, silenciamento, opressão que, longe de aniquilar o sujeito ou a obra, fazem a sua reassunção, a retomada, a teimosia, a insistência em sobreviver em meios às (im)possibilidades.

² Esta maneira de grafar a palavra “colonizadores” foi tomada de empréstimo da pesquisadora baiana Hildália Fernandes Cunha Cordeiro (UFBA), no intuito de demarcar os traumas do processo de colonização e reiterar sua ação violenta.

uma série de traumas, que transbordam para o meu método de operar meu raciocínio crítico acerca de território, questões sociais, políticas e sexuais. Eu e minha irmã mais velha estivemos sempre localizados como os filhos da retirante desvairada sem cabeça, ignorante, burra.

Éramos nós filhos da paraíba “quase da família”. Esboço minha reflexão Falo a partir do “quase pertencimento”, lugar este de matrifocalidade que estrutura famílias pelo Brasil a fora, que se baseia num modelo afetivo-cognitivo opressor escravocrata. É daí deste lugar que vem a operação das trompas como um lugar político estruturante para o raciocínio das questões que venho desempenhado neste ensaio e na minha pesquisa em andamento.

2 A POSSIBILIDADE DE EXISTÊNCIA DE CORPOS VIVÍVEIS NAS TROMPAS

As torções provocadas por esse embaralhamento entre teorias, vivências, observações e práticas que eu também engendro, se colocam na busca por uma teoria outra, que dá conta de ler as partículas de suas abstrações teóricas-reflexivas. Nesse caso, todo apoio dos conceitos apresentados é tido como planos de fundo, como um terreno da intenção, que somente com uma interpretação outra que se dá na torção das categorias e na emergência das situações-problemas que os objetos-sujeitos de si trazem à tona.

As mulheres escrevem com seus sangues mensalmente a escritura de suas *bios*, elas, funcionando normalmente com seus corpos, menstruam, geram, parem. Elas são os ventres que o capitalismo machista tenta gestar depois de nascidos, pois nós, homens, somos incapazes de entender o que pode um corpo feminino criar ao se inscrever e ao escrever no mundo com sangue, luta, lágrimas, gritos. Talvez, foi em 2018 ao se colocar como força propulsora na tentativa de barrar o fascismo em evidências de se impor democraticamente (se é que se pode chamar de democracia o que vigora), nós enxergamos mesmo que com disfarçadas bocas franzidas de muxoxo, vimos de perto a escrita dos corpos femininos, uma escritura nas trompas.

Ainda em torno da operação teórica a partir dos corpos femininos, eu invoco a presença da figura materna e da memória que eu tenho da escrita de mulheres, na verdade, isso se embaralha com tudo que tenho e tento dizer. Evoco todas essas escritoras de letras e corpos não como objeto do meu raciocínio, mas donas de seus conhecimentos, nos quais abrigo minhas indagações em seus *ventres geradores*³ de

³ Este operador teórico reencena a imagem do útero materno, onde o feto é gerido, é também responsável pela expulsão do feto, através de contrações, no momento do parto. Partindo desta imagem é que observo os fetos gerados na escrita das mulheres negras que pesquiso e os nascimentos múltiplos que são possíveis, a partir do engendramento de tais escrevivências.

questões para tentar parir saberes. Uma literatura e uma *favelidade* que vigoram nas trompas, assim como uma gestação nas trompas não vinga? Ela é parida ou escorre como líquidos lembradiços vermelhos por pernas femininas? Como ela é encarada na nossa sociedade por nós, carentes de boas histórias de afago e de uma maternidade literária, cultural e política?

Me pego recordando, por entre fotos e momentos afetivos, as narrativas que tenho de minha acomodação afetiva em torno de minhas duas mães e uma avó de criação. Na maioria das fotos que compõem minha “caixa das lembranças” quem me segura no colo é quem fez a gestão de meu corpo parido, que tomou para si o lugar de legitimidade de “condições de criar uma criança”: letrada, bem empregada, recém-casada e sem filhos paridos de seu ventre. Agradeço os cuidados de mainha, mas sinto falta, muita falta que chega doer no peito, a ausência ancestral de minha nordestinidade que transpira em meus poros e invade meu ser nessa terra xenófoba e classista, que é a Cidade Maravilhosa.

Penso em Conceição Evaristo que é lida por diversos leitores, discutida amplamente nas mídias, pesquisada em teses e dissertações, resenhada por brancos e pretos, vira questão de prova de habilidades e competências, mas ainda não gerida como uma literatura digna da cadeira 7 da Academia Brasileira de Letras (ABL). Somos todos aquele um voto de Conceição, que me pega pela mão e me leva a transitar pelos seus, pelos meus e pelos nossos misturados *Becos da memória*. Ao lê-la não consigo não pegar um lápis e costura com as coisas que li acerca de minha escritora-avó Joremir de Assis Ferreira. Minha avó, essa mesma chamada por nós como Jurema, uma árvore sagrada do catimbó, impulsiona minha ancestralidade com suas histórias que são de certo modo, são narrativas acerca de mim.

Não tem como falar em favela, pensar nesse lugar, sem em minha mente se colocar Carolina Maria de Jesus e localizá-la em uma trompa historicista e sociológica que a coloca à margem. O livro *Diário de Bitita* me remete a um cheiro de infância assim como *Quarto de Despejo* me choca e me remete a um cheiro de realidades que vejo e vivo na Rocinha, que justificam a presença dessas escritoras como guias deste meu processo contínuo. Afinal, uma outra dimensão política faz com que a presença dessas escritoras negras e mulheres que marcaram o circuito literário e cultural, aconteça como intercessoras nesta minha pesquis(ação). A dimensão em questão é a dificuldade de aceitação e legitimidade, ainda hoje, em alguns setores acerca de Carolina de Jesus ser tida como uma escritora, apesar de muito estudada por diversas pesquisas no Brasil e no exterior.

A incógnita que seu livro de estreia *Quarto de Despejo* ainda carrega acerca do estatuto desta obra como literatura muito me incomoda, e leio como uma

impossibilidade intelectual que arranca das trompas a possibilidade dessa literatura ser parida como deve ser. Nesta perspectiva, a literatura de Conceição Evaristo e de Carolina de Jesus circunscreve espaços favelados de diálogo com a escrita que Joremir de Assis Ferreira, minha escritora-avó, tece para reelaborar os becos de sua memória.

Por fim, tentando colocar um ponto final em tudo que tenho que falar aqui como um grito de pesquisa, convido-vos a pensar brevemente acerca do meu corpo social: a favela. Para que tal breve reflexão seja gerida eu me pego a pensar a partir desta imagem: eu pequeno, corpo branco, sorriso ensaiado, ainda não ciente de tudo que esse mundo exige de corpos afeminados por dentro e por fora, no peito e nos poros, como o meu. Esse colo de minha avó que é a sede de todo amor que posso descrever e sei contar. Esse corpo é a metáfora da favela em mim: lugar de abrigo, lugar de reconhecimento, lugar epistêmico.

3 COMO PARIR OS CORPOS-SABERES DAS TROMPAS?

Este último tópico desse ensaio, retoma todas as angústias, intenções, proposições, inquietações e anseios para tentar dar conta de uma intervenção crítica útil, positiva, funcional para os sujeitos que fazem esta pesquisa. O que se espera ao fim deste ensaio é que as questões que aqui se circunscrevem possam atingir as pesquisas, que assim como a minha, estão no *entre-lugar* aqui já exposto. Eu, como um pesquisador branco e favelado, advindo de uma favela, mas criado por uma família cheia de privilégios raciais e sociais, que embranquece os seus negros para oferecê-los os privilégios sociais dessa branquitude, não consegui, inicialmente, entender a configuração epistêmica e, por sua vez, racial da favela. O que isso tem a ver com parir nas trompas?

Não é possível pensar a favela como um espaço não racializado, mesmo que o eixo de sua pesquisa seja dito como meramente interessado no social e não no étnico-racial. É impossível, por vários motivos, mas explico apenas dois: o primeiro é que é um grande deslize histórico por parte de um pesquisador que se lança a investigar uma questão inscrita no território da favela, não se dar conta de que a problemática social desta é historicamente demarcada por questões raciais. Segundo, no fato de que a vivência em uma favela, mesmo que em um curto período de tempo, mostrará nitidamente este lugar como um lugar demarcado racialmente, seja no fenótipo das peles que transitam pelos becos, como nas políticas aplicadas a estes corpos.

Em um dado episódio, que muito me marcou e que de algum modo nos conecta para a questão da favela para com as questões que já mencionei anteriormente e que sedimenta minha leitura destas escritas-vozes femininas, me peguei explicando para

um grupo de pessoas, na sua maioria negra, o fato dos bandidos (identidade esta acoplada em todos os meninos moradores das favelas, em sua maioria meninos negros) serem na favela os verdadeiros heróis do povo que ali padece das violências do Estado e de seu maquinário do horror. O que eu tentei não explicar, mas atentá-los a perceber é que os moradores das favelas, aqueles que nascem, crescem e morrem - muita das vezes precocemente, pelas forças policiais! - neste território afetivo, carregam uma ancestralidade que conecta histórias, saberes e um sentimento de pertencimento coletivo, que podemos chamar de ancestralidade.

A *filosofia da ancestralidade* (OLIVEIRA, 2007), ao ser entendida como o espaço-tempo atravessado numa complexidade continuidade-ruptura dá conta de ancorar a significação de movimentos complexos que a diáspora proporciona quando sua experiência se atualiza cotidianamente ante ao *front* das vivências paradoxais e violentas que a estrutura *biopolítica* moderna evidencia em seus dispositivos diversos. Podemos aqui pensar no trânsito histórico, que forjou a favela como estes espaços de *aquilombamento* do povo negro que vitimado pelas políticas públicas eugenistas da Reforma Pereira Passos, se pôs a constituir seus espaços afetivos, formativos e epistêmicos.

Vale ressaltar que a experiência do meu corpo acaba não dando conta dessa *escrevivência* experienciada, porém me coloco a observar como esses instrumentos operam sobre os corpos negros, convocando-os para falar quando não me sinto apropriado. Numa observação preliminar, percebo que a construção estética (literárias, performáticas, musicais) que evidencia essa experiência se dá um modo outro na representatividade negra-diaspórica, pois está ancorada numa produção de sentidos ética, em que o corpo negro conta sua experiência num lugar onde seu corpo-vida se forja: sobre suas matrizes de resistência e seus modos epistemológicos localizados na centralidade de sua experiência negro-diaspórica, e assim, delineando todas as suas formas culturais e estruturas do pensar.

Por fim, gostaria de demarcar que esse raciocínio tenta dar conta de entender o corpo negro pela sua feitura, já que não tento lê-lo ao meu modo branco-periférico-transeunte pois embora periférico, minhas evidências filosóficas e reflexivas se forjam numa experiência racista e eugênica que está embalando os filhos dessa Pátria Amada Mãe Gentil. É, sobretudo, importante demarcar que os objetos-sujeitos de si que circunscrevem as escritas contemporâneas - nesse sentido, ao acionar escrita e não literatura, expando o enquadramento e considero as diversas possibilidades estéticas que são escritas por estes corpos negros em experiência - nos permitem enxergar de um modo outro, diria até como contra hegemônico, por se fazer sobre outra égide, ou seja, ancorado em suas experiências inscritas no corpo-saber.

No sentido de tentar dar conta das escritas contemporâneas, campo este que estão inseridas uma escrita contemporânea negra, opero a partir do conceito elaborado por Denise Carrascosa que aqui será muito útil para que possamos entender e localizar a atualidade vigente de uma cotidianidade racista, eugênica e escravista, que estrutura a favela e suas práticas. Quando a pesquisadora elabora o conceito de *con(tra)temporaneidade*, sendo esta compreendida como:

Uma linha de força de certas práticas que, para além de lidarem com a simultaneidade da tríade entre aquilo que está no próprio tempo, contra e a seu favor, sub-repticiamente fazem exceder aquele traço contrário, tensionador, deslocador das margens do pensamento, das representações e das produções cotidianas. (CARRASCOSA, 2014, p.120)

Quando a professora baiana apresenta este conceito, sem sombras de dúvidas, este passa a funcionar como um operador de nossas experiências epistêmicas, no sentido de nos demonstrar as marcas “contra e ao seu favor” que se instala em nossas escrevivências teóricas-conceituais. Não demos conta, ainda - infelizmente, nós no sentido do conjunto da intelectualidade brasileira, de esquerda, sobretudo - que as práticas escravistas não passaram, mas que estão estas são molduras centrais em nossas vivências. É o que aqui pontuo criticamente como pós-durante-ainda-colonialismo e escravismo vigente que vemos nas ruas, na mídia e nas práticas cotidianas, e é a partir deste nexos que podemos pensar as trompas que abrigam as práticas, as identidades e os saberes favelados, de uma diáspora negra, e também, nordestina.

Para pensar então uma certa colonização dos saber e práticas que a favela está submetida, me ancoro na teoria crítica elaborada pelo teórico afrodescendente e um grande nome da teoria que se faz na Bahia, Henrique Freitas, que nos alerta:

é preciso perceber que as gnosés indígenas e negro-brasileiras podem auxiliar ainda mais o campo da literatura, se vencermos a dimensão dessas pilhagens epistêmicas, permitindo que esses saberes afetem de maneira mais incisiva a teoria, a crítica e a historiografia, já que esses são vetores de nossos modos de ver o literário. (FREITAS, 2016, p. 55)

A contribuição reflexiva de Henrique Freitas muito me auxilia no processo de redimensionamento das práticas investigativas, que com uma postura ética, ganha contornos mais humanistas e politicamente engajados. O que o autor nos chama atenção conceituando como *pilhagens epistêmicas* é o processo de violência simbólica e epistêmica que as molduras teóricas tradicionais elaboram ao se instalarem no objeto em questão, saqueando do outro aquilo que se reconhece como mais valioso para incorporar no repertório estruturante que interessa como matéria-prima de uma

colonialidade, e visando uma projeção individual. O que Henrique Freitas acaba por nos estabelecer como caminho a seguir, sobre a ordem de um novo solo, no qual deve dar conta “dos discursos que correm por fora ou que dela se apropriam em suas próprias e potentes cadeias produtivas” (FREITAS, 2016, p. 57).

Nesse sentido, a contribuição que ganhamos – todos nós que nos engajamos por uma destituição dos privilégios, inclusive os epistêmicos da academia intelectual - com a noção de pilhagem epistêmica, está no fato de nos ajudar a pensar qual processo estamos desmantelando: fazer parir os filhos abortados de uma hegemonia da Casa Grande. Existem diversos abortos nas experiências epistêmicas das pesquisas descentradas da geopolítica tradicional que estrutura as pesquisas, existem os que não chegam a se desenvolver, ou seja, são os abortos prematuros por parte das pilhagens, como também os abortos provocados pela estrutura sufocante que nos suprime todo e qualquer fôlego vital de produção intelectual.

A meu ver, como pessoas inseridas na pesquisa, como pessoas que trabalham com capital humano no interior de nossas pesquisas, devemos estar preocupados com o trabalho de descentramento e recentramento das molduras que pilham as epistemes em nome de um capitalismo-neoliberal-intelectual que se mantém estruturado sobre os corpos silenciados por eles. Algumas vezes fui questionado acerca da necessidade de descentrar pra recentrar, como se não fosse preciso primeiro descentrar pra depois recentrar: certamente estes sujeitos não se deram conta de que para transpor a barreira da pilhagem, é preciso primeiro intervir, para depois desmontar a estrutura, retirando dos seus centros de poder, os que lá se legitimaram.

Na emergência da necessidade de seus novos nascimentos, temos: a favela, que precisa nascer de um parto tranquilo, sem bala de fuzil na cara e sem povo preto sendo chacinado em meio aos seus; temos as escritoras negras e faveladas que funcionando como matriarcas dessa literatura, possam de uma vez por todas não apenas frequentar, mas habitar, fundamentar a historiografia e crítica literária; assim como também as práticas midiáticas do funk, da pichação, do passinho, possam ser compreendidos como molduras positivas e não inscritas numa marginalidade-masculinista-racista. Fazer nascer, nesse caso, é vencer os abortos cotidianos e nascimentos fora de lugar.

Já saindo de cena, pelo menos por enquanto, me despeço, confiante de que pude contribuir para a comunidade acadêmica, no sentido de apresentar-lhes uma interferência nas práticas costumeiras e geralmente cegas, onde perpetuam-se posturas já inadmissíveis em pesquisas com sujeitos, com experiências, gnosés e sonhos. Este ensaio, tentou, ao seu modo e sua maneira afetiva e biográfica estruturante, contribuir para toda a comunidade acadêmica que ainda se pega na dificuldade de transitar entre os conceitos que a academia nos fornece, a estrutura de sentimentos que carregamos

das nossas vivências e nossas subjetividades dissidentes. Axé!

PRÉ NATAL (OU O QUE ELES CHAMAM DE REFERÊNCIAS)

Essa rasura epistemológica parte de minha experiência intelectual - ainda em curso - na feitura de minha dissertação em andamento, na qual gesto toda minha reflexão teórica-crítica numa perspectiva feminina e ancestral, na qual desloco toda intelectualidade masculinista e eurocêntrica para um lugar epistêmico feminino que me circunscreve. Ao atribuir o nome de “pré-natal” (o acompanhamento médico que toda gestante deve ter, a fim de manter a integridade das condições de saúde da mãe e do bebê) em vez do que se convencionou chamar de “referências bibliográficas”, busco demarcar uma feminilidade que estrutura meu lugar no mundo e sendo assim, minha maneira de se inscrever nas práticas reflexivas. Meu corpo de homem branco, busca se ancorar em todas as suas feminilidades de pensar e de ser, se manifesta nestes pequenos gestos de rasura e inscrição de seu *modus operandi*.

CARRASCOSA, D. Pós- colonialidade, pós-escravismo, bioficção e con(tra)temporaneidade. In: **Estudos de Literatura Contemporânea**, n. 44, p.105-124, jul/dez de 2014.

EVARISTO, C. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

_____. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

FERREIRA, J. A. Manuscritos biográficos (inéditos, cedidos pela autora para curadoria).

FREITAS, J. H. **O arco e a arkhé: ensaios de literatura e cultura**. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2016.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 3. ed., São Paulo: Ediouro, 1976.

_____. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

OLIVEIRA, E. D. **Filosofia da Ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

SILVA, R. R. **Uma literatura nas trompas: entorno de algumas memórias interpretativas**. In: 7º Seminário Letras Expandidas - corpo & política: modos de ler. Rio de Janeiro: PUC RJ, 2018. (inédito)



Título em inglês:
THE FAVELA IDENTITY THAT IS BORN FROM TROMPAS
CONSIDERATIONS ABOUT THE EPISTEMICAL EXPERIENCES OF A
FAVELA RESEARCH / INTERVENTION

INVENTÁRIO